

LICONTI, Juliana Lima. Um tensionamento dos múltiplos olhares: da observação à reparagem. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. UDESC; Mestrado; Sandra Meyer Nunes. PROMOP/UDESC; Mestrado. Atriz e performer.

### **RESUMO**

Este texto procura tensionar as noções de observação e reparagem, mesclando referências bibliográficas e relatos do corpo-experiência da artista pesquisadora. Entende-se por observação a capacidade cortical do sistema sensorial, qualidade de olhar que interpreta significados a partir de padrões perceptivos, que cinde sujeitos e objetos, e por reparagem a capacidade subcortical na qual a presença do outro se apresenta como potência de afeto, possibilitando a emergência de um corpo em estado de vulnerabilidade, corpo vibrátil. Esta dupla capacidade sensorial apresentada por Hubert Godard e Sueli Rolnik é posta em diálogo com proposições que tensionam as duas dimensões, no caso o Modo Operativo AND, de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio, e Tuning Scores de Lisa Nelson. Ambos procedimentos deslocam o protagonismo do sujeito para o acontecimento, colocam o performer em estado de suspensão: pessoas e objetos entram em devir-coisa e passam a acompanhar processos cujo controle não lhes pertence.

**PALAVRAS-CHAVE:** Observação: reparagem: vulnerabilidade.

### **ABSTRACT**

This text tries to decode the notions of observation and awareness, mixing bibliographical references and reports of the researcher's body-experience. Understanding observation as the cortical ability of the sensory system, the quality of seeing that interprets meanings from perceptual patterns, which merges subjects and objects, and the awareness as the subcortical capacity in which the presence of the other presents itself as a potential of affection, enabling the emanation of a body in a state of vulnerability, a vibrating body. This dual sensory skill, presented by Hubert Godard and Sueli Rolnik, is brought into dialogue with propositions that mixing this capacities in the specific cases of the Operating Mode AND, by João Fiadeiro and Fernanda Eugenio and the Tuning Scores by Lisa Nelson. Both procedures displace the central characteristic of the subject towards the event, and they put artist into a suspension state: people and objects get to be "becoming-things" and start to follow processes whose control is not theirs.

**KEYWORDS:** Observation: awareness: vulnerability.

Este texto parte de uma inquietação: como desacostumar o olhar? Esta questão não pretende ser respondida ou esgotada, trago apenas mais uma perspectiva, de alguém que se deparou com esta pergunta enquanto espaço empírico.

Iniciei as investigações que desencadearam nesta questão quando colaborei com uma pesquisa<sup>1</sup> cujo interesse era investigar as potencialidades cênicas de experimentações sensoriais, mais especificamente o sentido da visão. Durante seis meses investiguei uma partitura de movimento em diferentes locais do espaço urbano (praças, parques, calçadas, ruas) de olhos vendados. A proponente da pesquisa me acompanhava, mas procurava deixar-me bastante livre. O medo de andar, correr, dançar no espaço público sem enxergar rapidamente desapareceu e

eu me movia com destreza similar a quando estava de olhos abertos.

Nos seis meses seguintes a privação da visão foi interrompida e eu deveria manter a qualidade de relação, presença e atualização da partitura que emergiam com os olhos vendados, percebendo quais mudanças se operavam no meu corpo sem as restrições perceptivas.

As diferenças eram bastante acentuadas. Cada encontro com a privação do olhar carregava um sabor de descobrimento, emergia enquanto surpresa, arrebatamento pelo não saber. A investigação tinha uma qualidade de tempo muito específica, respeitava a duração da relação, sem a ansiedade de projetar a ação seguinte, ficava integrada ao momento presente. Ao passo que quando retirava a venda, a sensação era de que as relações estavam esvaziadas, como se tivessem perdido a potência, e com o tempo percebi que os meus olhos eram a causa do enfraquecimento dos encontros, pois ao observar uma árvore eu projeto na relação o meu pré-conceito de árvore e não me permito simplesmente estar junto com a ela na experiência.

Vislumbrar significados, pressuposições, classificações refere-se à capacidade cortical do sistema cognitivo, conforme explica o analista do movimento Hubert Godard (2006). O olhar cortical é projetivo, projeta na relação os seus pré-conceitos e supõe a preexistência dos entes em relação, diferenciando-os em sujeito e objeto.

O olhar cortical é aqui aproximado à noção de observação (sinônimo de olhar que também significa expressar julgamento), posto que o observador procura desimplicar-se, parte da premissa que não participa do acontecimento observado, como se o próprio ato de observar já não fosse transformador em si mesmo. A pesquisadora da cognição como invenção, Virgínia Kastrup (2007), explica que o projeto oficial da modernidade não considera a experiência do conhecer, do observar, como transformadora da relação. Embora esta aceção seja apenas ideal, pois a modernidade, conforme expõe Kastrup a partir do pensamento de Bruno Latour, produz híbridos, resíduos que não se encaixam nas classificações dicotômicas, este modo de operar que crê numa suposta imparcialidade ainda é muito praticado. E de certa forma os meus olhos separavam-me, distanciavam-me das coisas que eu via, pois relacionava-me com a paisagem que se apresentava como mera observadora.

Os olhos abertos contribuíam para que eu vislumbrasse apenas a dimensão cortical que interrompia as possibilidades relacionais antes que elas se efetuassem, por conta do juízo embutido em meus olhos, que me conduziam para outro foco e novamente a relação era barrada, ou seja, se estabelecia uma sequência de não relações, de cisões, porque eu, sujeito estável, tenho conhecimento das coisas do mundo e ao saber seus significados, sequer concedo a oportunidade de me relacionar com o que a mim se apresenta, de me transformar, de estar vulnerável, de me afetar.

Sueli Rolnik (2007), psicanalista e ensaísta de temas como subjetividade, em *Geopolítica da Cafetinagem*, cartografa processos de subjetivação, especificamente as transformações que ocorreram a partir dos movimentos de contracultura das

décadas de 60 e 70. Estes, segundo a autora, surgem como uma resposta subversiva ao regime de subjetividade identitária caracterizado por manter anestesiada a vulnerabilidade proporcionada pelo encontro com o outro. Esta anestesia vem de longa data, tendo em vista que a sociedade ocidental historicamente regida pela tradição moderna forma indivíduos “estáveis”, movidos por “verdades” e “certezas”, os quais percebem o outro como “[...] simples objeto de projeção de imagens preestabelecidas” (2007, p.105).

A vulnerabilidade refere-se à capacidade subcortical dos órgãos sensoriais, enquanto que a percepção compete à cortical. O olhar subcortical se funde no contexto, rompe com as divisões. Não faz diferenciações interpretativas, atua no nível das sensações e por isso também é denominado por Godard de olhar cego. Estudos clínicos com pessoas que perderam este olhar objetivo mostram que se alguém pedir para que descrevam algum objeto próximo, responderão que nada veem, no entanto, irão desviar do objeto se passarem por ele. O olhar subcortical é de natureza geográfica, subjetiva.

Era justamente a perspectiva cognitiva subcortical que eu acessava quando estava de olhos vendados, inevitavelmente estava em situação de vulnerabilidade, em risco na relação, ou seja, ao vender os olhos, desvendou-se um modo diferente de ver, com potência demasiadamente elevada. Surgiu assim uma nova questão: como acessar esta qualidade de relação mantendo os olhos abertos? Se meu olhar taxativo era o responsável pelas não relações, como desacostumar este olhar? Como torná-lo cego? Como deixá-lo vulnerável?

Com estas questões em meu corpo, fui apresentada a dois procedimentos que me permitiram encontrar caminhos para responder, sempre temporariamente, ou então reperguntar de outra forma, as inquietações postas acima, o Modo Operativo AND<sup>ii</sup> (MO), de Fernanda Eugénio e João Fiadeiro e *Tuning Scores* de Lisa Nelson.

Ao problematizar os regimes operantes na **Modernidade** e na Pós-modernidade, o MO propõe, como o próprio nome sugere, um outro modo de operar: a **Secalharidade** que propõe a relação enquanto des-cisão e para des-cindir o MO convida os participantes a suspender suas capacidades interpretativas (significado) e a reparar nas propriedades-possibilidades do acontecimento (as relações que ele apresenta, o que ele tem e o que ele pode, em vez de o que ele é), para tomar uma posição que seja uma repetição das relações que estão em jogo e não dos conteúdos, uma repetição com diferença. A terceira posição é a relação com a primeira relação, na qual o plano comum (comunidade) do jogo é encontrado e deve ser trabalhado para adiar o fim da composição. Já que para “viver juntos” e “não ter uma ideia” (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012) é preciso sustentar o plano comum para que a diferença emergja do acontecimento que é manuseado coletivamente, em vez de manipulado.

Suspender as nossas capacidades interpretativas não é uma tarefa fácil, pois exige a abdicação do ego, da criatividade<sup>iii</sup>, da competição, que são atributos muito comuns nas relações sociais atuais. O MO busca debrear a sintomática do mundo contemporâneo da competição incessante, criando uma microcomunidade que desloca o protagonismo do sujeito para o acontecimento. A comunidade precisa

manusear o acontecimento, sem prever a ação seguinte e, ao mesmo tempo, preservar o plano comum, mantendo o rigor de a todo momento reparar nas relações e possíveis direções do acontecimento que está sempre a mostrar-se diferente.

O conceito mais importante do MO na minha busca por desacostumar o olhar é o reparar. Demanda que o partícipe pare para reparar, interrompa o ritmo acelerado do saber acerca do que as coisas são, o regime do *ethos* moderno, repare no conjunto de relações que se apresentam em determinado acontecimento. Reparar é uma busca por tornar o óbvio não óbvio, desarticulando certezas. Reparar no MO é uma atitude frente ao acontecimento que se configura primeiramente como um re-parar (parar novamente) para reparar (observar) aquilo que o acontecimento tem e aquilo que ele pode e, conforme este for sendo acompanhado, jogado e manuseado, ativa-se a terceira dimensão do reparar: o concerto, reabilitação do uso das coisas, em vez de descartá-las.

Já a Lisa Nelson com seu método *Tuning Scores* está interessada em como mudanças nos padrões perceptivos podem ser mecanismos de criação e composição coletiva. Seus procedimentos geram uma tensão contínua entre o ver e o não ver e o discurso da performer em dança demonstra que o seu foco não reside em substituir o olhar cortical pelo subcortical, mas percebê-los e tensioná-los entre si.

Durante um encontro prático<sup>iv</sup> Lisa Nelson diferenciou três tipos de olhar: *looking for*, *looking at* e *watching*. O *watching* é o olhar mais próximo da desatenção, navega de um movimento para o outro, filia-se ao que lhe que convoca à atenção, que tem mais pregnância. O *looking at* é um olhar focado, direcionado a algo externo. Ao experimentá-lo em intervalos maiores de tempo, tende a desatenção, no entanto, como estratégia de perduração, quando estou experimentando este olhar, procuro exercitá-lo de modo bastante ativo. Como no reparar do MO, percebo as relações presentes no acontecimento perspectivado, os detalhes, as diferenças que tem em si mesmo, para assim cultivar meu interesse. Ou seja, na minha busca por desacostumar o olhar encontrei pontos de aproximação entre o reparar do MO e o *looking at*. O *looking for*, por outro lado, é o olhar menos direcionado ao exterior, porque é um olhar contemplativo, não desejoso e ao mesmo tempo está a espera do incerto. O grande desafio desse modo de ver é sustentar a passividade da espera e tornar-se espaço de acolhimento de um por vir desconhecido, mantendo-se atento, conectado ao momento presente, sem dispersar-se no fluxo de pensamentos.

Estes outros modos de ver sugeridos por esses procedimentos são aqui aproximados porque são iniciativas que caminham em direções semelhantes ao meu intuito de desacostumar o olhar, e foram incorporadas à minha prática artística. Desacostumar o olhar é um convite a interromper, mesmo que por poucos instantes, o padrão usual de reação para com o meio. Eis o cerne da questão: alargar as linhas de tensão entre a reação e a relação. Tendo em vista que o corpo não é estanque e fechado em si mesmo, corpo e espaço se produzem no encontro, são efeitos da relação. Reagir é responder. Resposta é hábito, é suposição de estabilidade. Relação é encontro que produz diferenças em ambos os corpos em afecção. Reparagem nesse contexto é um neologismo, reativar a paragem, a espera, a suspensão, menos sujeito em ação e mais coisa em relação.

i

Vivência proporcionada pela colaboração na pesquisa Em busca de poética – Possibilidades criativas vinculada ao Programa de Iniciação Científica da Faculdade de Artes do Paraná (PIC-FAP), da egressa Talita Neves, no período entre Agosto de 2011 e Julho de 2012.

ii Meu contato inicial com o MO foi através do grupo Composição em Zona de Atenção Compartilhada (2012-2014), vinculado a UNESPAR-FAP, coordenado pelo professor Francisco Gaspar. Em abril de 2014, o grupo participou de uma residência artística em Lisboa, ministrada por Eugénio e Fiadeiro, na qual pude aprofundar alguns entendimentos sobre a técnica.

iii Criatividade concebida como capacidade para responder problemas de situações previamente dadas (KASTRUP, 2007). Ser criativo, também está ligado a noção de responder de modo "original", "inusitado".

iv Encontro promovido pelo Atelier da Dudude em Brumadinho - MG, em abril de 2014.

## REFERÊNCIAS

EUGÉNIO, F; FIADEIRO, J. **Dos modos de re-existência**: um outro mundo possível, a secalharidade, 2011. Disponível em: <<http://and-lab.org/manifesto>>. Último acesso em: Novembro 2014.

\_\_\_\_\_**O Jogo das Perguntas**, 2012. Disponível em: <<http://and-lab.org/o-jogo-das-perguntas>>. Último acesso em: Novembro 2014.

GODARD, H; ROLNIK, S (Org.). **Olhar Cego**: entrevista com Hubert Godard. In: \_\_\_\_\_ Lygia Clark: da obra ao acontecimento. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006. p. 73-79

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROLNIK, S; Comissão Regional de Direitos Humanos (Org.). Geopolítica da Cafetinagem. In: \_\_\_\_\_ **Direitos Humanos? O que temos a ver com isso?**. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 2007. p.103-118.

\_\_\_\_\_; ALBUQUERQUE, J; SANTAELLA, L (Org.). Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: \_\_\_\_\_ **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**. São Paulo: Face e Fapesp, 1999. p. 206-221.